

FREI JERÔNIMO: O NARRADOR E A SUA TRAJETÓRIA*

Claudia Maria da Silva Cruz (UNICAP - PE)
Alexandre José Gomes de Sá (UNICAP - PE)

Resumo

Frei Jerônimo: o narrador e a sua trajetória, aborda aspectos da vida desse religioso, tomados da perspectiva benjamininiana do narrador, como artífice e produtor de sua própria história. Nesse trabalho, apresentamos a trajetória de vida do frade, através de uma narrativa assumidamente construída com suas memórias pessoais, sem estritas preocupações biográficas ou historiográficas. Tal perspectiva de interpretação baseia-se na figura alternativa do "narrador", inspirado em ideias do pensador Walter Benjamin (1994) sobre a prática historiográfica de caráter e sentido aberto, sempre sujeita a releituras e reinterpretações livres e posicionadas, efetuadas pelo leitor. Desempenhando o papel do "narrador", identificamos a personalidade carismática de um frei insubmisso que, longe de necessitar impor uma única interpretação aos seus seguidores, dos acontecimentos relacionados ao conflito com o arcebispado, busca dotar de algum sentido o resgate de suas reminiscências. Sob a forma da construção narrativa de um "mito de criação" para afirmar e delinear a memória comum do grupo que ele lidera num "tempo de agora", vivo e pulsante, cheio de significações, fugindo ao "tempo vazio e homogêneo", preenchido e representado por um passado eternizado de verdades inelutáveis. Por essas memórias perpassam temas tais como: a descoberta de sua vocação, o seu pertencimento à Igreja e pôr fim ao conflito e a ruptura com a instituição. Assim, inspirados em métodos da história de vida, reconstruímos como se deu o processo de desinstitucionalização desse líder espiritual, possibilitando também ao leitor compreender – do ponto de vista posicionado do narrador e de forma mais aproximada com a ideologia do grupo estudado - os fatos imediatos que resultaram na criação do GOASFJ (Grupo de Oração e Ação Social Frei Jerônimo), os quais funcionam como verdadeiro mito de origem.

Palavras-chave: Catolicismo. Taumaturgia. Carisma.

Introdução

Este artigo foi inteiramente baseado nas informações prestadas por Frei Jerônimo e por alguns de seus mais próximos colaboradores e testemunhas, os quais, por sua vez, contaram apenas com a autoridade de suas reminiscências e impressões deixadas pelas experiências vividas pelo frade - desde a sua infância e juventude (no caso do religioso), até o momento da constituição do GOASFJ, passando pelo clímax da sua ruptura com a Igreja que o havia acolhido desde cedo.

* "Trabalho apresentado no III Congresso Nordestino de Ciências da Religião, realizado entre os dias 08 e 10 de setembro de 2016 na UNICAP, PE. "

Não pretendemos assumir aqui o ponto de vista de biógrafos, nem tampouco o de historiadores, em sentido estrito. Estamos cientes das incertezas, reticências e imprecisões que uma narrativa baseada apenas na memória – e na memória de uma única testemunha... E de uma testemunha posicionada na história – pode proporcionar, em variedade de ameaças, à concretude do "edifício da objetividade".

Nessa perspectiva, nos aliamos ao pensamento de Walter Benjamin, quando postula a figura do "narrador", em oposição ao objetivismo típico do historiador e do biógrafo, com a qual identificamos a postura e função de Frei Jerônimo, do ponto de vista de seus seguidores. Foi precisamente essa função, mais do que a "verdade" de suas memórias, que nos dedicamos a pôr em foco.

Benjamin, avaliando o atual estado da tradicional arte de narrar histórias, afirma que "o narrador não está de fato presente em nós, em sua atualidade viva. Ele é algo de distante e que se distancia ainda mais". Quis ele dizer com isso que "a arte de narrar está em vias de extinção", tendo como uma de suas causas o fato de que "as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo", sendo que justamente "experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores", mas que na contemporaneidade estamos nos privando da "faculdade de intercambiar experiências" (BENJAMIN, 1994: 197-198).

Tais reflexões nos inspiraram a reconhecer, no Frei Jerônimo, o resgate desse narrador que se utiliza de sua vida como exemplo para orientação moral dos seus fiéis, tais como, no passado, assim funcionavam a hagiografia – epopeias heroicas dos santos - para os cristãos. Diz Benjamin que a experiência narrada, incorporada na vivência dos seus ouvintes:

> [...] esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio, ou

> numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se "dar conselhos" parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicadas. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos, nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta, que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada (BENJAMIN, 1994, p. 200).

Isso significa que as memórias manejadas por Frei Jerônimo se aproximam do caráter mitológico, utilizadas com fins precisos - como "mito de criação" - para a configuração de uma identidade heroica para as escolhas efetuadas pelo GOASFJ e seu líder, as quais são assim recebidas e compreendidas por seus integrantes. Nos arriscamos a reconstruir aqui apenas uma versão, das muitas possíveis, pois a história do frei articula-se diretamente com a vida dos seus simpatizantes de forma simbólica e, ao mesmo tempo, prática, tal como, por exemplo, ocorre com a parábola encerrada no "milagre de Jupira", descrito adiante.

Trata-se de interpretações de uma realidade, que não tem – nem carece de ter, do ponto de vista do fiel – compromissos inelutáveis com uma verdade acabada, fechada em si mesma, corroborada unicamente por mecanismos de checagem de fontes e verificadas por documentos, típicos dos procedimentos daqueles que pretendem preencher um tempo "homogêneo e vazio", um tempo cronológico e linear, com uma "imagem eterna do passado".

Em resposta a esses positivistas, Benjamin propõe em seu lugar, um:

> [...] historiador capaz de identificar no passado os germes de uma outra história, capaz de levar em consideração os sofrimentos acumulados e dar uma nova face às esperanças frustradas -, de fundar um outro conceito de tempo, "tempo de agora" (Jetztzeit), caracterizado por sua intensidade sua brevidade, cujo modelo foi explicitamente calcado na tradição messiânica mística judaica (GAGNEBIN, 1994, p. 8).

Para Benjamin, a questão maior que se estende diante do narrador é formulada nos seguintes termos: "como repassar adiante a experiência de vida – sua e de outros? "; ou, em outras palavras, "como fazer da história

uma fonte de sentidos abertos, sujeitos a reinterpretações e aplicações práticas na vida daquele a escuta?" Os efeitos das histórias que conta, para o narrador, são semelhantes às impressões causadas pelos contos de fadas na vida subjetiva das crianças; e estão na mesma proporção do trabalho simbólico efetuado pelos mitos, na forma como interpelam e explicam as demandas internas por sentido e segurança das pessoas – numa palavra: "o conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria" (BENJAMIN, 1994, p. 200). Ensina ele que:

> [...] Não se percebeu devidamente até agora que a relação ingênua entre o ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado. Para o ouvinte imparcial, o importante é assegurar a possibilidade da reprodução. A memória é a mais épica de todas as faculdades. Somente uma memória abrangente permite à poesia épica apropriar-se do curso das coisas, por um lado, e resignar-se, por outro lado, com o desaparecimento dessas coisas, com o poder da morte (GAGNEBIN, 1994, p. 210).

Foi por causa dessa perspectiva benjaminiana, aproximando-me das vivências e visões de mundo dos fiéis do GOASFJ, que nos pomos a enfrentar as memórias do grupo, escutar e refletir sobre as palavras de seu líder, dando-lhe o penhor da confiança sobre aquilo que tinha a nos dizer: uma história "posicionada" sobre escolhas individuais e coletivas e as suas consequências. Uma memória comum, tantas vezes contada e refletida por cada fiel que procura o carismático Frei Jerônimo, em busca de acolhimento e sabedoria de vida.

A descoberta da vocação e o pertencimento a Igreja

Jerônimo Gomes de Sousa é o nome de batismo do líder do GOASFJ. Ele nasceu em 4 de março de 1960, na cidade de Mossoró, Estado do Rio Grande do Norte, em uma família numerosa de 15 filhos, dos quais sobreviveram 11 irmãos. Para ajudar em casa, o pequeno "Novo", como era chamado na intimidade, começou a trabalhar aos nove anos de idade, numa

serraria. Porém, não se demorou nessa atividade, porque sua mãe insistia que ele estudasse. Aos 13 anos, o menino foi trabalhar numa fábrica de calçados, permanecendo por lá quatro anos. Nesse período, mais precisamente no ano de 1976, Jerônimo cursava datilografia no horário do almoço e no término do expediente vendia pastéis, seja na rua, seja na lanchonete de uma escola estadual, com sua mãe, que lá era auxiliar de serviços gerais. Pela necessidade de angariar recursos para sua família, até o ano de 1978, o garoto trabalhava dois expedientes.

Embora trabalhasse intensamente, o menino jamais desobedeceu a sua mãe deixando de estudar, pois terminou seus estudos em 1978.

Quando saiu de Mossoró, lembra ainda que, aos dezessete anos, ingressou na Escola Aprendizes Marinheiros, no Recife. No período de 1977 a 1978 fez intercâmbio entre Recife e Mossoró. Dessa forma, nos finais de semana, permanecia nessa cidade como aluno da Escola e durante a semana, retornava a Mossoró, onde trabalhava em uma sapataria.

Em março de 1978, saiu da sapataria para dedicar mais tempo à Marinha. Fez concurso no Estádio Geraldão, em Recife, para marinheiro. Sua aprovação representou a realização de um sonho para seu pai que desejava vê-lo naquela instituição. Permaneceu na Marinha apenas um ano. No dia de Santo Antônio, 13 de junho de 1978, por ocasião de uma visita à cidade de Recife, onde ficou hospedado com parentes, houve uma procissão daquele santo católico até o convento franciscano do Imperador. Jerônimo afirma ter sido ali tocado muito fortemente por um chamado para ser padre. Embora estivesse programado para ingressar na Escola Naval do Rio de Janeiro, resolveu pedir dispensa da Marinha. Para isso contou com a ajuda do médico da Marinha, que, respondendo ao seu pedido, escreveu na sua ficha que ele tinha uma perna mais curta que a outra. Em suas palavras: "Renunciei para ser frade, não queria mais nada da vida a não ser, 'ser padre' ". Essa convicção ficou ainda mais forte depois de ouvir os sermões de Dom Helder Câmara e após a ordenação do seu irmão, Jonaldo, como diácono, na Ordem dos Frades Menores (OFM), em meados de 1978.

A Ordem dos Frades Menores - também conhecida como Ordem dos Franciscanos ou Ordem Franciscana - é uma congregação religiosa católica, criada no ano de 1209, quando recebeu aprovação verbal do Papa Inocêncio III, por Giovanni Bernardone, vulgo São Francisco de Assis, e 12 companheiros seus. Seguindo a idealização do fundador, o grupo adotou a denominação "Frades Menores" para indicar o caráter fraternal que deveria predominar entre eles e o lugar social privilegiado para o atendimento de seu objetivo, ou seja, o serviço aos pobres. Desta forma, o ideal de pobreza, na inspiração primeira do fundador, é um traço fundamental dos franciscanos.[1] No ano de 1221, o Papa Honório III aprovou canonicamente as regras da OFM, que permanecem inalteradas até os dias atuais. Diversas ramificações surgiram ao longo do tempo, resultando na seguinte configuração da Ordem Franciscana:

a) Primeira Ordem: Ordem dos Frades Menores, ou observantes (O.F.M.), Ordem dos Frades Menores Conventuais (O.F.M.conv) e Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (O.F.M.cap);[1]
b) Segunda Ordem: Ordem das Irmãs Clarissas, Ordem das Irmãs Concepcionistas e Ordem das Irmãs Capuchinhas;[2]
c) Terceira Ordem: Terceira Ordem Regular (T.O.R.) e Terceira Ordem Secular, ou Ordem Franciscana Secular (O.F.S).[3]

Segundo Frei Jerônimo, durante toda a procissão de Santo Antônio ele ficou angustiado, quanto à emergência de sua vocação, ou seja, ser ou não frade. Tentou diversas vezes falar com seu irmão sobre o assunto, mas ficou envergonhado imaginando que todos pensariam que ele estava

[1] Informação acessada em 30 out. 2008, disponível em: <www.pernambucodeaz.com.br/dh/recife.htm>.
[2] Os grupos religiosos que compõem a Segunda Ordem são contemplativas enclausuradas, seguidoras de São Francisco de Assis e Santa Clara.
[3] Ordem Terceira de São Francisco abriga diversos outros ramos, merecendo destaque a Fraternidade Sacerdotal Franciscana Secular (FSFS), Pequena Família Franciscana (PFF) e Juventude Franciscana (JUFRA). Para maiores informações sobre a história e a organização da Ordem Franciscana ver site, disponível em: <http://www.paginaoriente.com/santos/crsfa0410.htm>.

querendo imitar seu irmão. Diante desta dificuldade de comunicação, decidiu escrever uma carta, onde falava de suas intenções em ingressar na vida religiosa franciscana. Seu irmão, ao recebê-la, declarou chorando a um padre de Mossoró: "ele é vocacionado, ele é candidato a frade!". Angústia maior Jerônimo sentiu quando foi falar com seu pai, sobre a sua decisão. Isso porque este desejava imensamente seu ingresso na Marinha. Quando o fato se tornou público, houve censura por parte de membros de sua família. Estes reprovavam que ele preferisse ser padre, em vez de entrar para a Marinha, fazer carreira e ganhar dinheiro. Sua mãe, católica fervorosa e membro da Legião de Maria desde o ano de 1964, foi a única a apoiar sua escolha:

> *Minha mãe sempre foi muito católica e carola de igreja, assim como minha avó. Ela era professora de catecismo da gente em casa. Lá em casa nós rezávamos o terço todo dia as 18h* (Informação verbal)[4].

Sobre a vocação religiosa, segundo Finkler (1990), a opção de ingressar para a vida religiosa é vista como uma decisão de conversão ao Senhor. A partir de então, a pessoa deve fazer de uma vida de união com Deus o objetivo principal de todos os seus pensamentos, preocupações, desejos e atividades. Visando este objetivo, deve-se libertar de outras apreensões tais como: uma vida na família biológica, a educação dos filhos, as atividades de sustentação própria e de seus dependentes. Essa opção demarca uma nova atitude de vida, caracterizada pela busca de conhecer em cada momento a vontade de Deus sobre si e colocá-la em prática. Para esse autor:

> [...] Três elementos existem cuja convergência caracteriza a autêntica vocação religiosa ou sacerdotal: a) O chamado de Deus; b) A decisão de dar um sim a esse chamado para a pessoa ser algo diferente do que é; c) A aceitação do postulante por parte do superior responsável pela instituição (FINKLER, 1990, p. 21).

[4] Depoimento de Frei Jerônimo.

Considerando o chamado de Deus, dentre suas características, destaca-se que o vocacionado deve sentir-se atraído pelo estilo de vida próprio da vida religiosa ou sacerdotal. Nesse sentido, as informações recebidas na catequese e na educação familiar são propiciadoras dessa sensibilidade ou fascínio. A decisão de dar um sim ao chamado, convertendo-se em um outro, deve se basear em argumentos que a justifiquem. Além de dizer o que quer, o candidato à vida religiosa deve explicitar por que quer. A decisão é considerada bem fundamentada quando o desejo está relacionado à busca de cumprir a vontade de Deus e colaborar com salvação do mundo por meio do serviço. Já a aceitação por parte do superior responsável é considerada como um indício de que a escolha feita é acertada.

Contudo, a aceitação do superior deve ser vista como uma expressão de confiança, a qual evidencia, em sua opinião, que há motivos suficientes para iniciar o trabalho de formação, visando capacitar o candidato para a identificação e vivência especificas de congregação religiosa. "A permissão, ou, antes, o convite para passar a uma etapa posterior no processo de formação significa que continua a confiança do responsável na autentica vocação" (FINKLER, 1990: 23). Em referência às congregações religiosas católicas, os seus propugnadores acreditam que a vocação religiosa vai se concretizando ao longo da vida, através do compromisso pessoal do religioso em amar a Deus de todo o coração e em imitar e seguir Jesus Cristo - pobre, casto e obediente. O candidato à vida consagrada deve ter a consciência de que o seu compromisso o une estreitamente ao Senhor, aos irmãos, à sua congregação e à Igreja. Enquanto pessoa consagrada, deve saber que sua origem e objetivo de vida é a Igreja, cabendo a esta lhe dar o apoio permanente (FINKLER, 1990:24).

Retornando à vocação de Frei Jerônimo, deixando tudo para trás, ele conta que, ao ingressar na OFM, foi indicado para estudar na cidade de Maceió, no dia 27 de janeiro de 1979, mais precisamente ao convento dos franciscanos, no bairro do Bom Parto. Nessa casa concluiu as duas primeiras

etapas da vida religiosa, o aspirantado e postulantado.[5] Nesse período, estudou durante dois anos no Colégio Sagrada Família, colégio particular em que cursou o segundo grau, pois embora já tivesse o curso de contabilidade em nível médio, esse não foi aceito pelos frades.

No ano de 1979, em Maceió, aos 19 anos de idade, participou de um festival de música popular brasileira, que contou com a participação de 58 candidatos. Ganhou um troféu de melhor voz e melhor intérprete - 1º e 2º lugares, respectivamente, de todo o Estado de Alagoas. Com o prêmio de CR$11.000,00 (onze mil cruzeiros), comprou 19 cestas básicas, que foram doadas às velhinhas da favela São Francisco, localizada às margens da Lagoa de Mundaú. Essa foi, juntamente com a Gruta do Padre, no bairro de Bebedouro, a primeira comunidade carente em que Jerônimo trabalhou. Nesses locais, com a ajuda dos moradores, o frade levantou muitas casas de taipa, no regime de mutirão. Depois dessa vitória, foi convidado a gravar um compacto de vinil. Participou do Projeto Pixinguinha aonde chegou a cantar com o grupo A Cor do Som, com a cantora Maria Betânia, entre outros. Após concluir o 2º. Grau, em Maceió, terminou seu postulantado e ingressou, juntamente com 14 jovens, no noviciado, em Ipojuca (PE), onde recebeu o hábito franciscano, no dia 1 de fevereiro de 1981. Referindo-se a essa fase de sua vida, Jerônimo diz que:

> *Foi um ano de provações, muitos momentos de oração e encontro com Deus e com a gente mesmo. Trabalhos pesados como: cortar cana junto com o povo pobre, cuidar do sítio do convento, cortando bananeira, capinando, plantando macaxeira, fazendo horta. Nosso único divertimento era ir à praia de Cupe, em Porto de Galinhas. Éramos obrigados a ir e voltar de pés (sic), de Ipojuca para Porto de Galinhas* (Informação verbal)[6]*.*

[5] O processo de formação na OFM é composto pelas seguintes etapas: aspirantado, postulantado, noviciado, juniorato. Os conteúdos formativos próprios e necessários à vida religiosa franciscana vão sendo oferecidos ao longo dessas etapas, que são progressivas. Ao final desse processo, são proferidos os votos perpétuos de Pobreza, Castidade e Obediência, sendo celebrada, dessa forma, a consagração definitiva, que sela o pertencimento à Ordem Franciscana.

[6] Depoimento concedido por Frei Jerônimo em 19 jun. 2008.

Em 02 de fevereiro de 1982, fez pela primeira vez os votos de Pobreza, Castidade e Obediência, em Ipojuca.[7] Em seguida, o frei foi transferido para o convento São Francisco, em Olinda, onde estudou no Instituto de Teologia do Recife – ITER,[8] no bairro dos Coelhos. Cursou Filosofia, Teologia e Línguas durante seis anos, de 1982 a 1987.

Com orgulho, ele afirma que foi aluno de Gustavo Gutiérrez, considerado o pai da Teologia da Libertação,[9] e Sebastião Armando, Leonardo Boff, Ivone Gebara e José Comblin, que são figuras representativas dessa vertente teológica. Em 21 de novembro de 1987, ele foi ordenado Diácono, partindo logo em seguida para o Estado do Pará, onde realizou um estágio durante 7 meses, na Prelazia de Óbidos. Foi um período de intensa atividade pastoral. Neste período Frei Jerônimo ministrou cursos de capacitação para 435 agentes de pastoral das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)[10].

[7] A Vida Religiosa é definida como o seguimento de Jesus Cristo, sendo caracterizada pela prática do Evangelho, pela vida em comunidade e pela profissão dos votos de Pobreza, Castidade e Obediência, vistos como conselhos evangélicos.

[8] O ITER, durante o arcebispado de dom Helder Câmara, tornou-se um centro de irradiação da Teologia da Libertação. No ano de 1989, esse instituto educacional foi fechado por dom José Cardoso Sobrinho.

[9] Considerando a Teologia da Libertação, Barbosa (2007) afirma que ela nasceu na América Latina com a prática pastoral assumida a partir do Concilio Vaticano II, que foi intensificado com a Conferência de Medellín. Como decorrência, foram impulsionados os debates teológicos que motivaram a produção de uma ampla doutrina teológica. Esta movimentação fez com que o compromisso social da Igreja ganhasse forma na ação das pastorais sociais, das CEB's na leitura popular da Bíblia, fazendo surgir a Teologia da Libertação. As raízes desta doutrina evocam os movimentos teológicos que se evidenciaram em diversas partes do mundo, em especial, na França, desde o século XIX. Considerando a América Latina, merecem destaque movimentos como a Unión Nacional de Estudantes Católicos (UNEC) do Peru e da Juventude Universitária Católica (JUC) do Brasil que vivenciavam o auge de sua vivência integrada de fé e participação (BARBOSA, 2007). A expressão "Teologia da Libertação" foi forjada pelo sacerdote peruano Gustavo Gutierrez. A ele se deve a sistematização escrita de suas primeiras intuições. No ano de 1971, publicou o livro Teologia da Libertação, que se tornou uma referência dessa doutrina por apresentar os elementos fundamentais dessa metodologia que se espalharia por toda América Latina. Segundo Aquino (2007), a Teologia da Libertação contou com a adesão majoritária de católicos pertencentes às Comunidades Eclesiais de Base. Devido a expressividade alcançada a partir dos anos de 1980, o Cardeal Joseph Ratzinger (atual Papa Bento XVI) escreveu o artigo "Eu vos explico a teologia da Libertação" alertando sobre o perigo dessa influência.

[10] A propósito das CEB's, de acordo com Betto (1998), são pequenos grupos organizados em volta da paróquia seja na zona rural ou urbana, por iniciativa de leigos, padres ou bispos. São denominadas de comunidades por serem formadas por pessoas que tem a

Abordando a ação de Frei Jerônimo nas CEB's, a capacitação ofertada por ele visava suprir a escassez de sacerdotes, que era uma das carências dessa região de difícil acesso. O curso ministrado tinha por objetivo conscientizar politicamente a comunidade através da abordagem da Teologia da Libertação.

A paróquia em que atuava tinha 28.704 km², 76 comunidades ribeirinhas. O percurso da matriz até a última comunidade era realizado em 7 horas de viagem. Neste período trabalhou com os índios Tiriós, na fronteira do Brasil com o Suriname. Atendeu inúmeras comunidades ribeirinhas, realizando casamentos e batizados em cerimônias coletivas.

A influência da Teologia da Libertação, recebida em sua formação e a atuação de Frei Jerônimo no movimento das CEB's, configuram um "caldo de cultura" que, é razoável supor, teria contribuído para informar, ao menos em parte, sua crítica futura à autoridade da Igreja, em discursos e posturas representados pelo episódio de seu afastamento da área de atuação da Arquidiocese de Olinda e Recife, em 1997, e que redundou na posterior criação do GOASFJ.

No que concerne aos anos de formação do jovem Jerônimo, vimos que, terminado o estágio diaconal, retornou ele ao Nordeste e foi ordenado sacerdote em 22 de outubro de 1988, em Mossoró, sua cidade natal, no estado do Rio Grande do Norte. Em 6 de dezembro desse mesmo ano, ele retornou à Prelazia de Óbidos. Foi a falta de padres para trabalhar nessa região que fez com que ele retornasse, pois acreditava que a missão do frade é ir aonde ninguém quer ir. Sete meses após a sua chegada, o pároco da Igreja Matriz, a Catedral de Santana, renunciou ao cargo de Vigário Paroquial. Frei Jerônimo, com 28 anos, assumiu este cargo, que, segundo

mesma fé, que pertencem a mesma igreja e que moram na mesma região. Seus membros agem motivados pela fé, vivendo em uma *comu-união* em torno de seus problemas (sobrevivência, moradia, lutas por melhores condições de vida e anseios e esperanças libertadoras). Por serem congregadas na Igreja, como núcleos básicos de fieis, são nomeadas de eclesiais e por serem constituídas por classes populares (donas de casas, operários, subempregados, aposentados, jovens e pobres moradores da periferia e zona rural) levam a alcunha de base.

ele, foi seu primeiro grande desafio. Nesse tempo, não via com bons olhos o Movimento Carismático,[11] considerado por ele "um grupo de alienados e sem compromisso com o desenvolvimento do país". Era contra o conservadorismo e não aceitava a espiritualidade da Nova Era. Voltou a dar assistência aos índios Tiriós, na fronteira do Brasil com o Suriname, assim permanecendo durante quatro anos.

Figura 1 - Frei Jerônimo em Celebração.



Nesse período de atuação no Pará, foi alertado por Irmã Feliciana, freira franciscana, de que ele possuiria um tipo de carisma. Essa religiosa, que realizava um trabalho de energização através da imposição das mãos, lhe disse: "Frei Jerônimo, o senhor tem uma energia muito forte nas mãos, já pensou nisso?!". No momento o padre não deu muito crédito a essa afirmação, contudo um episódio o fez reavaliar a presença desse dom. Conta que uma senhora de 28 anos estava em coma. Os médicos não sabiam mais o que fazer. Irmã Feliciana o chamou para visitá-la e disse: "Frei, o senhor, com o poder de suas mãos pode levantar essa mulher". Em

[11] Também denominado Renovação Carismática Católica (RCC). Para um detalhamento maior das características desse movimento religioso, ver Maués (2000) e Valle (2004).

seguida, pediu para que ele impusesse as mãos sobre ela. Seguindo essa orientação, passou a impor as mãos sobre o corpo da mulher, inicialmente da cabeça ao pé e depois no sentido inverso. Ao terminar os movimentos, a mulher abriu os olhos e perguntou: "Onde estou? Quem é esse homem? ", e desmaiou. Em seguida, ela ficou se debatendo. A religiosa mandou que Jerônimo continuasse, pois, a enfermidade era espiritual. Repetido o movimento, a enferma se levantou, pediu água e ficou curada.

Durante uma missa campal, em 26 do julho de 1988, celebrada na Catedral de Santana, ele afirma ter recebido de Deus mais um dom: o da palavra. Por se considerar um péssimo orador, preparou um discurso de dez páginas para ler, uma vez que não poderia criar um discurso de improviso para o momento, pois seria um desastre. De repente, o vento soprou e levou todas as páginas que tinha escrito, sendo obrigado a falar de improviso. A homília proferida, que impressionou os presentes, foi a melhor que fez na vida. Foi aplaudido intensamente.

Infelizmente, como estava cansado de trabalhar sozinho e sem recursos, ele renunciou à missão na Prelazia. Dentre as muitas dificuldades, conta que era comum ele dormir nos barcos e lanchas, enquanto fazia suas visitas nas comunidades e que a missão entre os indígenas, que foi sustentada durante anos por doadores alemães, passou a não receber os recursos necessários.

Voltou para o Estado de Pernambuco, em 1992, e foi morar em Ipojuca. Devido aos conflitos de terra e atritos com os políticos do município, ele não aguentou a tensão e renunciou após 1 ano e 6 meses. Passou a residir em Triunfo, onde foi vigário da Paróquia de Santa Cruz da Baixa, durante mais 18 meses. Mais uma vez não deu certo, segundo ele, por causa de conflitos provinciais em torno de seu carisma. Diante do sucesso de seu sermão, por onde andava, o povo estava lá para escutá-lo.

O mal-estar que se estabeleceu fez com que ele partisse para Mossoró, assumindo a Paróquia de Assu (RN). Nessa cidade, mais uma vez enfrentou problemas semelhantes aos experimentados em Ipojuca e

Triunfo. Devido ao seu carisma, as celebrações que realizava atraiam muitos fiéis, causando alguns ciúmes dentro da Igreja.

Retornou à Olinda, em 1995, e acatando o pedido do Arcebispo, passou a colaborar nessa cidade, realizando celebrações. Assumiu a função de vigário cooperador da Igreja de São Pedro Mártir. Contando com o consentimento dos franciscanos e da Arquidiocese de Olinda e Recife, ele permaneceu nesta cidade desenvolvendo suas atividades religiosas. Após esse regresso, a vida de Frei Jerônimo mudou completamente. Sua atuação como sacerdote o fez despontar como uma liderança carismática, reunindo em torno de si inúmeros adeptos. Essa projeção passou a incomodar seus superiores, desencadeando um conflito institucional, que resultou em seu afastamento da OFM e da Igreja. Vejamos como isto aconteceu.

Conflito e ruptura com a Igreja

Na abordagem do conflito e ruptura de Frei Jerônimo com a OFM e a Igreja é oportuno evocar aqui o pensamento de Max Weber (2004: 128-141) acerca da dominação. Esse autor destaca que a dominação legítima se apresenta de distintas formas, seja por meio de uma constelação de interesses, na qual há um bilateral entendimento - formalmente livre-; seja por meio do exercício da autoridade, onde dominantes e dominados recorrem à obediência como um dever.

Nessa perspectiva, Weber traça um quadro de referências, no qual delimita a existência de três tipos de dominação legítima: a legal, a tradicional e a carismática. A primeira configura um poder soberano, cujo foco assenta no cumprimento das obrigações estatuárias. Trata-se aqui no domínio exercido pelos tempos modernos, com ênfase na ação racional-burocrática, exemplo mais puro desse tipo de dominação. Aqui aparece a figura do "servidor do estado" e todos aqueles portadores do poder que se reúnem sob a rubrica da legalidade para exercerem sua ação político-institucional.

A dominação tradicional, por sua vez, é o poder exercido pelo patriarca, a exemplo dos reis, príncipes e nobres, os quais recorriam à autoridade patrimonialista exercida desde sempre, ou, pelo menos, desde que a memória alcance, "no ontem eterno". Esse tipo de liderança engendra um comportamento de adesão, entre os dominados, que valoriza a tradição, os ensinamentos dos antigos, dos tempos idos e fundantes da sociedade, motivos que tendem ao conformismo que evita as novidades, ou tem horror às mudanças.

Por fim, a liderança carismática sustenta-se pelo "dom da graça", proveniente de indivíduos que são portadores de carismas, pois, perante o grupo que lideram, são detentores de caracteres extraordinários, mas rigorosamente pessoais e não reproduzíveis no vulgo. São os heróis de todos os tempos; os líderes de qualidades excepcionais; os grandes santos e iluminados; os possuidores de poderes sobrenaturais; os profetas de uma nova era; os governantes aclamados diretamente pelo povo; os demagogos e grandes transformadores.

Nessa última categoria, posso enquadrar a liderança de Frei Jerônimo, ao analisar, doravante, os momentos cruciais que, aos olhos de seus liderados, revestiram sua trajetória de vida de tintas místicas e extraordinárias. No seu enfretamento com a OFM e a Igreja de Dom José Cardoso Sobrinho, emblema de um poder bifronte, posto que ao mesmo tempo patriarcal - por basear-se num líder inconteste; e burocrático - por tentar controlar a circulação do dom da cura -, Frei Jerônimo surgiu como figura carismática que rompe com a Instituição e, como taumaturgo (o portador da cura), passa a afiançar ele mesmo o poder da graça divina.

O palco desses acontecimentos se deu na cidade de Olinda, em meados dos anos 1990. Certa noite, após ter feito três casamentos, por volta das 21h30minh, quando passava na Rua da Palha, na frente do Convento de São Francisco, ouviu a voz de alguém que chorava chamando-o. Tratava-se de Dona Jupira, uma senhora de 84 anos que frequentava suas missas. Quando ele foi ao seu encontro, a anciã indagou se ele não

estava sentindo a falta dela nas missas. Após a pergunta, informou que estava muito doente: sofria com intensas dores causadas por uma erisipela. Ele, muito cansado, após um dia de intenso trabalho, lhe disse algumas palavras de conforto e se despediu. Depois que deu cerca de dez passos, sentiu uma voz dentro dele dizendo que deveria voltar e curar Dona Jupira. Atendendo a essa voz, Jerônimo retornou e perguntou a Jupira se ela tinha fé. Essa afirmou que fé não lhe faltava. Após pedir um copo d'água, o padre impôs as mãos sobre o líquido e fez uma oração de cura. Nesse momento, ele sentiu uma mão sobre a sua, durante a oração. O frade benzeu a água e disse que a senhora imaginasse que quando a água tocasse sua perna, a mão de Jesus estaria lhe curando. Quando ela colocou a água sobre a perna, disse que a água estava quente. O padre respondeu que não e pediu para ela bebesse.

Depois disso, Frei Jerônimo se despediu e seguiu para o convento, abriu a porta do seu quarto sentou e adormeceu, só acordando de madrugada, voltando a dormir novamente. No outro dia, à noite, durante a celebração da missa na Matriz de São Pedro Mártir, alguém tocou em suas costas. Quando ele se virou para ver quem era, se deparou com Dona Jupira que lhe disse: "Frei Jerônimo, olhe as minhas pernas". Levantou o vestido até a altura do joelho e mostrou as pernas totalmente curadas. Em seguida, Jupira pegou o microfone e declarou: "Minha gente, Frei Jerônimo tem o dom de cura. Quem tiver doença que procure ele, que Jesus está com esse homem! ".

Dona Jupira está viva até os dias de hoje e conta essa história para quem quiser ouvir. "Atualmente possui 94 anos" e acompanha os louvores do frei no Clube Atlântico, na cidade de Olinda. A partir desse episódio, a vida de Frei Jerônimo se transformou totalmente.

Figura 2 – Dona Jupira



No período de 1995 a 1996, ocasião em que Frei Jerônimo foi padre colaborador nas igrejas de São Pedro Mártir e Nosso Senhor do Bonfim, a convite de Irmã Adélia,[12] do Colégio Damas, ele passou a atuar na Igreja de São José dos Pescadores, na Rua do Sol, em Olinda. Essa religiosa realizava cenáculos de oração e precisava de um sacerdote para celebrar a missa naquele local. Segundo Dona Raimunda, senhora muito católica e que sempre acompanhava a irmã Adélia em suas atividades religiosas, inicialmente, o cenáculo reunia poucas pessoas, na maioria das vezes, apenas os que moravam nas proximidades da igrejinha.

Devido à divulgação desse ato religioso, aumentou o número dos participantes. Isto fez com que elas sentissem a necessidade da presença de um sacerdote. Com a presença do frade, o número de fiéis aumentou

[12] Essa religiosa é bastante conhecida no Estado de Pernambuco, devido ao episódio da aparição da Virgem na Vila de Cimbres, em Pesqueira (PE), a qual ela afirma ter visto numa gruta.

ainda mais. Na realização de missas de cura e libertação,[13] na qual o sacerdote prometia a ação direta do Espírito Santo, Jerônimo passou a atrair uma multidão de pessoas. A cada semana, nos diz Raimunda, "todos se sentiam maravilhados com a missa de Frei Jerônimo". Ela faz questão de contar que quando ele passeava pela igreja com o "Santíssimo",[14] as pessoas sentiam uma energia muito positiva vindo dele.

O movimento de povo, sempre crescente, tornou a igrejinha um local insufi- ciente. O aumento do prestígio do frade passou a incomodar, novamente, alguns padres e o bispo da Arquidiocese local,[15] que mandou chamá-lo. Frei Jerônimo recebeu uma carta convidando-o para um encontro fraternal com Dom José Cardoso Sobrinho. Nesse encontro, Jerônimo foi convidado a prestar esclarecimentos sobre as suas pouco ortodoxas práticas litúrgicas e as tais curas que diziam se propagar por seu intermédio, na cidade de Olinda. Na conversa foram citadas as acusações de antiliturgia e curandeirismo. Ao final do colóquio, ele foi aconselhado pelo Arcebispo, a sair da cidade.

[13] Weschenfelder (2006) define Missa de Cura e Libertação como o momento no qual "(...) o padre fala com um tom de voz quase linear, alterando a entonação de acordo com a ênfase que pretende dar em determinados momentos, como a graça alcançada e o fiel que retornou à igreja. Neste caso o oficiante apresenta a situação e fala com o testemunhante na forma de um diálogo".

[14] O "Santíssimo Sacramento" é uma hóstia consagrada, encerrada numa urna especial denominada "ostensório", geralmente de ouro, o qual permite, por meio de uma pequena vitrine, a sua exposição ao público nas celebrações eucarísticas católicas. O Catecismo da Igreja Católica (2000: 394), no seu parágrafo 1.418, afirma que: "Visto que Cristo mesmo está presente no Sacramento do altar, é preciso honrá-lo com um culto de adoração. 'A visita ao Santíssimo Sacramento é uma prova de gratidão, um sinal de amor e um dever de adoração para com Cristo, nosso Senhor.'"

[15] A Arquidiocese de Olinda e Recife inicialmente foi denominada Prelazia de Pernambuco, em 15/07/1614, pela Bula Fasti noviorbis do Papa Paulo V. Em 06/07/1624, o Papa Urbano VIII com a Bula Romanus Pontifex a constituiu sufragânea da então Diocese de São Salvador da Bahia. Em 16/11/1676, o Papa Inocêncio XI, no dia, pela Bula Ad sacram Beati Petri sedem a elevou como diocese, denominando-se Diocese de Olinda. Em 05/12/1910, ela foi elevada à Arquidiocese e Sede Metropolitana pelo Decreto da Sagrada Congregação Consistorial. E, finalmente, em 26/07/1918, por meio da Bula Cum urbs Recife do Papa Bento XV, passou a denominar-se Arquidiocese de Olinda e Recife, com jurisdição que abrange mais 17 municípios e o arquipélago de Fernando de Noronha. Informações históricas retiradas do site oficial da própria Arquidiocese de Olinda e Recife, disponível em: <http://www.arquidioceseolindarecife.org.br/hitoria.htm>.

Frei Jerônimo foi mais um na lista dos padres afastados por Dom José. Por não obedecer às ordens recebidas no "encontro fraternal" com o Arcebispo, foi destituído de suas funções sacerdotais. Desobediente, ele continuou seu trabalho. Isto fez com que Frei Aluísio Fragoso, então provincial da OFM, grupo religioso ao qual ele pertencia, passasse a abordá-lo. Foi intimado a se apresentar no convento São Francisco e informado que deveria retornar a este espaço e que a partir de então só deviria exercer suas atividades religiosas no interior deste espaço.

Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Obras escolhidas**. Brasiliense: São Paulo, 1994. p. 197-221.

FINKLER, Pedro. **O formador e a formação***.* São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

WEBER, Max. A política como vocação*.* In: _____. **Ensaios de sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 2002. p. 55-89.

WEBER, Max. Os três tipos puros de dominação legítima. In: . **Weber**: sociologia. São Paulo: Ática, 2004. p. 128-141.

WESCHENFELDER, Aline. A cura como pretexto de arrebanhamento. In: **Unirevista**. v. 3, n. 1, p. 1-9, jul. 2006. Disponível em: <http://www.projetoradix.com.br/arq_artigo/alaic/alaic 2006_13.pdf> Acesso em: 15 fev. 2009.